



Edmilson Borret

# Diário dos vivos

e outros escritos



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 - Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

CONCEPÇÃO DA CAPA  
Edmilson Borret

FOTO DO AUTOR  
Conrado Gonçalves

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B737D BORRET, EDMILSON. -  
DIÁRIO DOS VIVOS E OUTROS ESCRITOS / EDMILSON  
BORRET. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2019.

138 P.: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-557-7

1. CONTOS I. TÍTULO

CDD.: B869.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# **Diário dos vivos**



## I.

a primeira vez que morri foi um fiasco. era pra ser morte de respeito, com obituário e pompa, com velório, viúvas, carpideiras e credores. sempre almejei alguma seriedade na minha vida – e por isso resolvi que morreria. decidi de véspera: amanhã morro. dormi um sono solene, daqueles em que a gente vai antevendo honrarias e comoção. no dia seguinte nem café da manhã tomei, só um copo de leite gelado: queria estar leve. os de casa estranharam de início, mas logo depois deram de ombros. se o velho quer fazer regime, deixa ele. olharam na folhinha para ver se era segunda-feira. não era. ano novo tinha passado já faz tempo. deixa ele. fui ao quintal, acendi um cigarro e sentei embaixo da mangueira. seria ali, estava decidido. aquele cheiro do café e do pão quente estava quase me fazendo desistir, mas mantive o propósito. tirei os chinelos e comecei a escalar o tronco. a intenção era subir até o galho mais alto. a meio caminho do percurso, alguém da copa gritou pelo janela: olha! o tio tá subindo a mangueira. vieram todos correndo. entre os deixa disso homem e desce daí seu doido, não ouvi um sequer perguntar mas por quê. pulei. pulei mesmo. caí feito uma manga no chão. estava feito. agora era só esperar toda a gravidade e introspecção que a situação exigia. qual o quê? cismaram de chamar os velhos amigos para o velório. de quem essa maldita ideia? trouxeram poesia, violão e cachaça. cachaça! ninguém vertia uma única lágrima ali. ele foi brincalhão a vida toda, até na hora de morrer fez piada, misturou leite com manga:

morreu, coitado. mas morreu feliz, como queria. vamos cantar e beber! aquilo começou a me incomodar. respeitassem a minha morte! chorassem! nada. só alegria. e cada vez chegava mais gente. virou um sarau, uma festa. tiraram muitas fotos ao meu lado, mandaram pros amigos. ninguém chorava, ninguém fazia um laudatório, ninguém incitava uma contrição. o que de início era incômodo, foi virando uma agitação, uma revolta interna. senti primeiro uma comichão, depois o corpo que doía em muitos lugares. resolvi levantar. cansei daquela palhaçada. nem morrer com seriedade se podia. alguns de início quiseram correr. outros, e sempre os mais folgados, vendo minha cara emputecida no meio do salão, gargalhavam e me apontavam dizendo: mas de pijama a uma hora dessas, homem? nem um terno ou uma roupa de festa me vestiram. não cumprimentei nem dei boa noite a ninguém. fui direto pro quarto. o corpo doía feito o diabo. não foi um sono solene nem tranquilo. lá fora chegava mais cachaça. amanhã, só de raiva, comeria quatro pães no café da manhã.

## II.

o homem no rádio falou que o mundo acabava essa madrugada. seria agora ou nunca mais. os de casa estavam em polvorosa, como baratas. vesti uma roupa e saí de fininho. quase no portão, ouço a voz desesperada: tio, vai aonde? vou na vendinha do joaquim, não conte a ninguém que me viu sair. mas o mundo vai acabar, tio. deixa de doideira e volta pra casa. dei de ombros. precisava falar com ela. seria agora ou nunca mais. na estrada, sinais de que o mundo de fato ia acabar: um sujeito quase surrava seu cavalo para que este o tirasse dali o mais rápido possível. pobre cavalo! apanhava sem saber que talvez seria a última surra que tomava. virando a esquina, uma moça recolhia a roupa do varal. acenei pra ela. ainda tá molhada, mas a gente seca a ferro, vai saber. sorri e acenei de novo pra ela, que desta vez retribuiu o aceno. mais dez minutos de estrada, estava na vendinha. precisava falar com ela. seria agora ou nunca mais. ela não me viu chegar, recolhia os sacos de ração. depois as carnes secas e as linguças dependuradas. tossi da porta. ela se virou, o rosto esfogueado e suado. parecia estar há horas guardando as coisas. você? sim, vim te ver. preciso falar com você. seria agora ou nunca mais. o que você quer, homem? não sabe que o mundo vai acabar? sei, por isso vim. joaquim tá lá na parte dos fundos, amarrando algumas coisas, vai lá. não vim ver o joaquim, vim ver você, já disse. mas, homem, o que você quer comigo a uma hora dessas? olha o muito de coisa a fazer. vim dizer que te amo, que sempre te amei. você é maluco, homem?

o mundo acaba amanhã e você aí de tolices. não são tolices. eu te amo desde sempre, antes mesmo de você conhecer e casar com o joaquim. mesmo aturdida com a revelação, ela não dava trégua na labuta: agora juntava as garrafas de cachaça e conhaque ainda sem uso num engradado. as já abertas não importavam. parecia me ignorar, o rosto mais esfogueado ainda, o suor pingava. não vai dizer nada? disse que te amo. já disse: deixa de besteira, homem! vai-te embora daqui com essas histórias. e se joaquim te ouve? ele te mata. o mundo acaba amanhã, pode me matar. mas eu precisava vir aqui te dizer que te amo. seria agora ou nunca mais. ela arriou o engradado no chão, pegou o pano no balcão e secou o suor do rosto. e só agora você me diz isso, depois de tanto tempo? sim, só agora. ou nunca mais. não é sempre que o mundo acaba. o seu talvez não, o meu já tinha acabado faz tempo. ela chorou. sentou-se no engradado, enfiou a cara no pano e chorou. de soluçar. quis atravessar o balcão e consolá-la. dizer por que havia calado isso por tanto tempo. mas joaquim já vinha vindo dos fundos e flagrou a mulher em pranto. quis saber o porquê. olhou com aquela mesma cara de sempre de quem nada entendia. ela não contava nada, só chorava. ele me encarou sério. falei: só vim dizer a ela que sempre a amei, desde antes de ela casar com você. eu precisava dizer isso a ela. seria agora ou nunca mais. você está variando, seu velho louco? vai-te embora daqui, seu depravado! se não te mato agora é porque o mundo acaba amanhã. vai! vai logo antes que eu mude de ideia. ela não parava de chorar, mas agora sem o pano na cara. me olhou e, só com olhos, disse: vai, agora é tarde. entendi e fui. da calçada me virei e ainda olhei mais



uma vez seus olhos: eles mantinham o que tinham dito. peguei a estrada de volta para casa. no caminho, a moça recolocava a roupa no varal. o homem falou no rádio de novo: foi tudo um alarme falso, o mundo não vai acabar. prenderam o cientista que espalhou o boato. vai ser condenado, muita gente se suicidou por causa da notícia falsa. muita gente morreu mesmo, só vendo. e muita gente ainda vai morrer. porque se o mundo não acaba amanhã, joaquim acaba comigo. e essa vai ser a minha segunda morte.

Composto em Garamond e  
impresso em Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>  
em São Paulo para Editora Penalux,  
em setembro de 2019.